

Agora é com Sarney e sem milagres previstos

Não há herança mais difícil de ser recebida do que a dos compromissos políticos. Mas é isso e mais que José Sarney recebeu ao assumir definitivamente a Presidência. Construir a Nova República não é apenas um acordo entre partidos, mas a exigência de um país. Sarney não é Tancredo, o óbvio trágico que todos lembram para que não se esperem milagres do presidente. A expectativa é de apoio total do Ministério, apoio incondicional do PFL e grande parte do PMDB, apoio sob a condição de

que cumpra o "legado de Tancredo", de outra parte do PMDB (até de alguns governadores), e trégua da oposição — PT, PDS e PDT.

Os empresários são quase unânimes em apostar tudo em José Sarney, apesar da verdade crua expressa pelo ex-ministro Octávio Gouvêa de Bulhões: "Agora é que nós vamos ver". Os sindicatos, envolvidos em uma disputa de liderança nacional e com contornos ideológicos, cobram antecipadamente compromissos da

Aliança Democrática ou, prudentemente, hipotecam solidariedade, de acordo com suas conveniências. A Igreja, tão crítica até com Tancredo, resolveu agora aconselhar os radicais a terem calma, sem, contudo, dizer quem são os radicais e de que lado estão.

José Sarney não poderá reeditar sua administração udenista do "Maranhão Novo", de 1965. Ele terá de, segundo os analistas mais insuspeitos, refazer o pacto político. Um pacto de José Sarney.